

O ATEÍSMO COMO NECESSIDADE NA OBRA DE HOLBACH

Elizângela Inocência Mattos¹

RESUMO: O presente texto tem por objetivo analisar como o Barão de Holbach (1723-1789) dissocia religião da vida moral. Em *Sistema da Natureza*, o autor demonstra a importância em conhecer o sistema ao qual a natureza se instaura. Nele, a conduta humana se move para a felicidade, de maneira que o ateísmo não decorre de escolha fortuita, mas uma efetiva necessidade.

Palavras-chave: Ateísmo; Necessidade; Natureza; Sistema; Materialismo.

ABSTRACT: This paper aims to analyze how the Holbach's (1723-1789) dissociates religion from moral life. In *Sistem of Nature*, the author demonstrates the importance of knowing the system to which the nature is established. In it, human behavior moves to happiness, so as turn the non-recurring atheism of fortuitous choice, but an actual need.

Keywords: Atheism, necessity, nature, system, materialism.

O século XVIII francês, tal como o materialismo, não teve um contentamento uniforme entre seus representantes², mas encontrou na razão o recurso para uma atuação efetiva a fim de romper com o preconceito e a superstição. Seria então a razão, o elemento a retirar o véu de toda ilusão e capaz de impedir que outras se insturassem?

Como apogeu do Iluminismo, a razão finalmente se revelou dinâmica e profética. O empirismo, [...] ficou ameaçado por uma razão metafísica e normativa: ele também começou a ser ultrapassado por uma razão que entendia que a verdade não era mais da ordem da essência, mas do

¹ Professora da UFT, Doutoranda no PPG-Filosofia da UFSCAR, com estágio sanduíche na Université Paris IV - Sorbonne. Bolsista CAPES - PDSE.

² Um século que uniu, “Escritores, filósofos, cientistas, seguindo caminhos separados. Enfrentamo-los e admiramo-los por este esforço do século XVIII, que reuniu em uma só pessoa, o filósofo, o escritor – e que escritores! –E o homem de ciência”. “Ecrivains, philosophes, hommes de sciences, suivent des chemins séparés. Admettons-le, l’écrivain – et quels écrivains! – et l’homme de science.” GOULEMOT, J.-M. *Adieu les Philosophes – Que reste-t-il des Lumières?*, p. 140.

futuro, uma razão que tentava reconstruir o livre movimento da natureza e em encontrar o sentido da vida³.

O materialismo francês do século XVIII caracteriza-se pela ruptura com toda forma de superstição e o enfrentamento aos ditames de uma moral alicerçada em elucubrações fortuitas. Mais ainda, funda-se em compreender e utilizar a racionalidade, condição *sine qua non* de uma vida em acordo aos ditames da natureza. Lança luz no obscuro preconceito e principalmente, propõe combater o fanatismo, que o alimenta, de maneira a amainar as diferentes formas de compreender o homem e suas idiossincrasias. “O materialismo e o ateísmo foram duas tendências do Iluminismo. A laicização do mundo resultava à negação de Deus.”⁴

A obra do barão de Holbach (1723-1789) compreende um esforço em romper com a superstição e preconceito, se utilizando fortemente da tese que separa a vida virtuosa do então *necessário* ateísmo. Dessa maneira, o presente texto tem como objetivo demonstrar o ateísmo holbaquiano a fim de fomentar a tese de sua condição necessária para a superação de toda e qualquer forma de preconceito ou velamento da razão que impediria o homem de reconhecer o sistema da natureza. Mas qual a razão em professar o ateísmo, em um momento onde a tolerância e a liberdade alcançaram destaque nas discussões? E qual a justificativa de uma conduta virtuosa por parte do ateu em uma sociedade? São questões que movem a exposição, pois o autor, ao demonstrar o sistema da natureza, pautou-se não somente em extirpar a superstição e o preconceito, mas efetivamente em suprimir a ignorância, que fomenta a intolerância religiosa. Para tanto, a reflexão proposta se detém em sua obra maior, *O Sistema da Natureza*⁵, publicado em 1770 sem, no entanto, furtar-se, quando oportuno, referir-se à outro texto do barão, *La Contagion Sacrée*, texto de 1768.

Dissociar religião de moral era fundamental, dado ser imprescindível, no sistema, supor uma predicação da natureza. Assim, a obra de Holbach, fiel ao tempo das

³“Avec l’apogée des Lumières, la raison se révèle enfin dynamique et prophétique. L’empirisme, [...] reste menacé par une raison métaphysique et normative: il commence aussi à être dépassé par une raison qui pressent que la vérité n’est plus de l’ordre de l’essence, mais du devenir, une raison qui s’efforce de recomposer le libre mouvement de la nature en retrouvant le sens de la durée.” DELON, M.; MAUZI, R.; MENANT, S. *De L’Encyclopédie aux Méditations*, p. 120.

⁴“Le matérialisme et l’athéisme constituent l’une des tendances des Lumières. La laicisation du monde aboutit à la négation de Dieu.” *Ibidem*, p. 143.

⁵ *Le Système de la Nature, ou des lois du monde physique et du monde moral*, foi publicado sob o nome de M. Mirabaud, em 1770, em dois volumes. O nome de Holbach como seu autor apareceu pela primeira vez na edição de 1821.

luzes e certamente um de seus representantes, primou pelo progresso da humanidade (ainda que professasse uma natureza determinista), e na felicidade coletiva a partir de ações que seriam úteis ao indivíduo.

Ao se opor a metafísica racionalista, o barão edificou uma obra pautada nas verdades da natureza e no movimento que a caracteriza, de maneira que o ateísmo constitui efetivamente condição para liberdade de espírito em um processo crescente de descristianização.

Nascido em Edesheim, em 8 de dezembro de 1723, Paul-Henri Thiry, Holbach teve grande aporte intelectual na edificação de sua tese, dado o fato, dentre outros, às reuniões que aconteciam em seu salão (que certamente fermentaram muitas de suas ideias), onde se encontravam intelectuais, homem de inúmeras relações sociais. Um dos pilares⁶ da *Enciclopédia*⁷ teve em Diderot um amigo⁸ fiel até sua morte. Sua obra ocupou um lugar privilegiado na então considerada filosofia clandestina, ou seja: escritos que de certa maneira incomodavam o *status quo*, assim como poderiam aliciar pensamentos subversivos, tais como as discussões antirreligiosas.

Nessa obra *anônima e incendiária*⁹, *O Sistema da Natureza*, Holbach descreve, em suas longas páginas, o edifício que compõe a natureza e as condições, se assim podemos nomear de início, para compreendê-lo. Dividido em duas partes, a obra trata na primeira delas da natureza e suas leis, da física, para em seguida tratar da ideia de divindade, da moral. Em ambas o propósito final é a felicidade do indivíduo. Obra capital do materialismo francês do século XVIII: “*O Sistema da Natureza* torna-se a pedra de toque de todo o movimento filosófico. Embora possa trazer descobertas científicas já realizadas e amalgamado comum a lógica impiedosa, tirou as suas conclusões.”¹⁰

⁶ NAVILLE. *D’Holbach et la Philosophie Scientifique au XVIIIe Siècle*, p. 23.

⁷ A análise de Pierre Naville aponta o intento da *Enciclopédia* como um projeto científico, técnico e literário realizado em grupo. No tempo de trabalho no dicionário dedicado por Diderot, Holbach esteve ao seu lado. A tese de uma obra que pudesse sintetizar as ciências e os saberes encontrou nele uma participação efetiva, que coletivamente, resultou em um marco na história do pensamento filosófico.

⁸ O texto de Denis Lecompte considera Holbach o “mestre de obras da *Enciclopédia*”, ainda que não seja possível mensurar exatamente sua contribuição, pois certos artigos foram assinados, outros foram publicados de maneira anônima. C.f. LECOMPTE. *Le Baron d’Holbach et Karl Marx de l’antichristianisme à un athéisme premier et radical*, p. 25.

⁹ “anonymous and incendiary”. CURRAN. *Atheism, Religion and Enlightenment in Pre-Revolutionary Europe*, p. 2.

¹⁰ “Le Système de la Nature devenait la pierre de touche de tout le mouvement philosophique. Bien qu’il n’apportât point de découvertes scientifiques il amalgamait avec une logique impitoyable les découvertes déjà faites, et en tirait les conclusions.” NAVILLE, *op.cit.* p. 109.

Ao apresentar o sistema e afirmar o homem como parte dele, Holbach trata da conduta humana, rejeitando para tanto toda forma de religião, sem romper com a moral, que deveria ser laica e independente do jugo religioso.

1. O ateísmo como condição na natureza

No *Sistema da Natureza*¹¹, Holbach descreveu a tese sobre a natureza em acordo com leis próprias, a despeito de qualquer verdade estabelecida. Seu pensamento sistemático refletido na escrita de um *sistema* marca uma característica de seu tempo.

No século 18, como em todos os momentos de grande movimento intelectual, todo filósofo teve a sua paixão, e por sua paixão seu sistema. Holbach não escapou à essa lei comum, basta abrir um de seus livros para reconhecer nele a paixão que o anima: é o da liberdade; liberdade em toda coisa, mas especialmente em matéria de política e religião, e mais ainda de religião¹².

Esse sistema comporta o homem que, componente da matéria organizada, apto a sentir e pensar poderia alcançar o conhecimento e tomar as ações em acordo aos interesses. Uma máquina composta de temperamento, constituição orgânica e química, capaz de inferências em diferentes graus pela educação; seria puramente físico, afetado *a posteriori*, pela predicação, o que o definiria, em certas condições, que por vezes difeririam de sua composição primeira.

A fim de elucidar o ateísmo, uma necessidade sem a qual o sistema da natureza não pode ser apreendido, o autor pergunta no título do capítulo: *O ateísmo é compatível com a moral?* A apreensão da vida moral e a utilidade das ações para uma vida virtuosa não resultariam do ateísmo ou uma vida religiosa. Em separar efetivamente a crença da vida moral, demonstrou que o intento de um Estado laico necessita do conhecimento da natureza. Para além de toda abstração, mas pensando seu efeito na vida prática, Holbach

¹¹ Para a referência ao *Système de la Nature*, utilizamos a edição publicada pela Fayard. D'Holbach. *Système de la Nature*, tomes I et II. Paris: Fayard, 1990.

¹² “Au 18e, comme en tout temps de grand mouvement intellectuel, tout philosophe avoit sa passion, et pour sa passion son système. D'Holbach n'échapa pas à cette loi commune, et il ne faut qu'ouvrir un de ses ouvrages pour reconnaître en lui la passion qui l'anime: c'est celle de la liberté, de la liberté en toute chose, mais surtout en matière de politique et de religion, et plus encore de religion.” DAMIRON, *Mémoire sur D'Holbach*, p. 10.

coloca as coisas em seu devido lugar e não uma em decorrência da outra, rompendo dessa maneira com o círculo vicioso de tomá-las em conjunto, moral e religião.

Mais ainda, é importante frisar, o sistema dissocia o ateu a figura de alguém que *por isso*¹³ não poderia ser virtuoso. De outro modo, o ateu pode ser virtuoso, pois são fatos que não se coadunam, pois reconheceria suas necessidades diante do conhecimento da natureza e do papel exercido pela experiência. Assim, seria preciso compreender:

Que um ateu é um homem que conhece a natureza e as suas leis, que conhece a sua própria natureza, que sabe o que ela lhe impõe: um ateu tem experiência, e que a experiência prova que a cada momento, que o vício pode prejudicá-lo, que seus pecados mais secretos, que suas disposições mais secretas podem se detectar e se mostrar: *a experiência*¹⁴ *revela-lhe que a sociedade é útil para a sua felicidade; que o seu interesse por isso exige que a pátria que o protege e o permite desfrutar em segurança dos bens da natureza; tudo lhe mostra que para ser feliz, ele precisa ser amado; seu pai é para ele o melhor dos amigos; que a ingratidão o afasta de seu benfeitor; que a justiça é necessária para manter toda associação, e que nenhum homem, seja qual for o seu poder, não pode estar satisfeito consigo mesmo, quando ele se reconhece objeto de ódio público*¹⁵.

A passagem em destaque demonstra que para o filósofo, evidentemente, ser ateu não impede o homem ser virtuoso, reconhecer a vida em sociedade, mais uma vez, a partir do conhecimento da natureza, da experiência e do interesse. Ademais, a felicidade se instaura no exercício permanente do convívio com os outros, em considerar valores morais necessários para a sociedade. Dessa maneira, a virtude¹⁶ constitui para o homem o caminho para a felicidade.

Um ponto interessante a mencionar nesta exposição, é o papel desempenhado pela necessidade no contexto holbaquiano. Ao tratar da origem de nossas ideias sobre a divindade, o autor escreveu que o homem, em seus primeiros momentos de vida, fora marcado por necessidades, o que confere a ela um importante elemento, senão fundador,

¹³ Grifo nosso.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ “Q’un athée est un homme qui connoît la nature et ses loix, qui connoît sa propre nature, qui sçait ce qu’elle lui impose: un athée a de l’experience, et cette expérience lui prouve à chaque instant, que le vice peut lui nuire, que ses fautes les plus cachées, que ses dispositions les plus secretes peuvent se déceler et se montrer au grand jour: cette expérience lui prouve que la société est utile à son bonheur; que son intérêt exige donc qu’il s’attache à la patrie qui le protege et qui le met à portée de jouir en sûreté des biens de la nature; tout lui montre que pour être heureux, il doit se faire aimer; que son père est pour lui le plus sûr des amis; que l’ingratitude éloigneroit son bienfaiteur de lui; que la justice est nécessaire au maintien de toute association, et que nul homme, quelque soit sa puissance, ne peut être content de lui même, quand il sçait être l’objet de la haine publique.” HOLBACH. *Système de la Nature*, p. 333.

¹⁶ *Idem*.

de muitas das crenças atribuídas ao longo da vida. Com o ateu ou o fatalista não ocorre de maneira diferente, dado que todo seu sistema é fundado tão somente nela.

Ao distinguir as ações do ateu e do religioso, Holbach justifica que elas independem da crença. Eis o indício claro do argumento, de que um ateu pode ser virtuoso e o inverso em igual medida, um religioso ser uma pessoa ligada ao vício. Não haveria nada de extraordinariamente diferente nos vícios de um ateu em comparação com o religioso.

Há algo que independe do fato de o indivíduo ser religioso ou ateu, pois, como já apontado, o conhecimento da natureza e a atenção na experiência fazem ser desnecessárias toda e qualquer possibilidade da crença em Deus. As ações de ambos se pautam não no que declaram ser, mas antes, no que dizem suas próprias inclinações e princípios, que muitos, por vezes, atribuem a outro em lugar de si mesmo. Resta primeiramente, analisar as justificativas do religioso e o que fundamenta suas crenças.

Em seguir os ditames do céu, o religioso tende a atribuir suas ações a delegações exteriores a si mesmo, mais ainda, redimindo sua liberdade de arbítrio de toda responsabilidade pela ação praticada. O ateu não tem a possibilidade em justificar suas ações atribuindo a elas desígnios exteriores. A religião constitui um entrave para a razão, impedindo ao indivíduo, (não obstante o conforto que lhe presta) dar livre curso a própria capacidade de julgar e compreender o mundo em que vive. A ordem da natureza permite romper efetivamente com a religião, como se dessa forma tirasse um véu encobridor de onde o ateísmo seria certamente a necessidade fundamental.

A resposta à pergunta título do capítulo é afirmativa, pois o ateísmo é compatível com a moral, não têm relação de dependência e não poderia oferecer dano a sociedade. Ao contrário, a religião no contexto holbaquiano constitui dano, em fortalecer a si mesma a partir da fragilidade e do desconhecimento da natureza.

A tese fundamental de Holbach pode ser resumida em poucas palavras: a história e a experiência da humanidade provam que as religiões sobrenaturais são sem utilidade moral, politicamente perigosas, contrárias ao progresso da razão científica, viciosas em sua origem, seus representantes; chegou então o momento de substituí-los com um sistema de crenças naturais, de acordo com dados reais da natureza, e útil para o homem e a sociedade¹⁷.

¹⁷«La thèse fondamentale de D’Holbach peut se résumer en peu de mots: l’histoire et l’expérience de l’humanité prouvent que les religions surnaturelles sont sans utilité morale, politiquement dangereuses, contraires au progrès de la raison scientifique, vicieuse dans leur origine, leurs représentants; l’heure est

A conduta moral não é, portanto, decorrente da religiosidade, mas antes, algo que atende aos interesses, que compete a utilidade de cada um. Se um homem tem uma conduta incorreta, deve-se primeiramente a uma desordem da máquina por parte da natureza e também decorrência de seus interesses, atrelados a exagerada poção de egoísmo nas ações. A educação poderia atenuar essa diferença, tal como o efetivo papel da experiência.

A virtude não corresponde a um atributo inato, dado o sistema da natureza, ser matéria e movimento. Ao individuo o que é efetivamente seu: a responsabilidade em lidar e superar a própria ignorância, em dedicar-se ao conhecimento dos fatos para assim, instruindo-se, considerar o útil e o necessário para sua felicidade.

Os homens não são mais que a sua organização, modificados pelo hábito, pela educação, por exemplo, pelo governo, pelas circunstâncias duráveis e momentâneas. Suas ideias religiosas e seus sistemas imaginários são forçados a ceder ou se acomodara os seus temperamentos, suas inclinações, seus interesses¹⁸.

Ao¹⁹ tratar da história da superstição, em *La Contagion Sacrée* (1768), Holbach oferece um quadro dos efeitos das opiniões religiosas, partindo de uma análise sobre a origem da superstição, base para a crença religiosa. Nela, uma relação de poder e submissão se estabelece e alimenta o poder do objeto de culto, pois: “O homem se comporta em relação a Deus como o inferior para o superior, como o sujeito ao seu soberano, como o filho para com seu pai, como um escravo ao seu mestre²⁰.”

Essa relação de inferioridade justifica a força da crença elevando a figura de deus a um plano distinto do humano, a saber, superior e por isso, extremamente digno de crença e culto.

donc venue de les remplacer par un système de croyances naturelles conforme aux données réelles de la nature, et utile à l’homme et à la société”. NAVILLE, P. *op.cit.*, p. 333.

¹⁸ “Les hommes ne sont que ce que les fait leur organisation, modifiée par l’habitude, par l’éducation, par l’exemple, par le gouvernement, par les circonstances durables et momentanées. Leurs idées religieuses et leurs systèmes imaginaires sont forces de ceder ou de s’accomoder à leurs tempéramens, à leurs penchans, à leurs intérêts.” HOLBACH. *Système de la Nature*, p. 341.

¹⁹ A edição utilizada no presente texto é a publicada em 2006. Cf. D’HOLBACH, *La Contagion Sacrée ou Histoire naturelle de la superstition*. Paris: Coda, 2006.

²⁰ “l’homme se comporte envers son dieu comme l’inférieur envers le supérieur, comme le sujet envers son souverain, comme le fils envers son père, comme l’esclave envers son maître, HOLBACH. *La Contagion Sacrée ou Histoire Naturelle de la Superstition*, p. 10.

Ademais, em ignorar a experiência e o conhecimento da natureza, o homem tende a permanecer no lugar propício da crença, dado que, como apontado acima, há uma condição de inferioridade em relação a Deus, e não obstante²¹, estando diante de um sofrimento e da própria *ignorância* têm os subsídios necessários para fomentar a crença.

Essa ignorância constitui de fato o alicerce pelo qual se constrói e fortalece os argumentos da religião, pois de outra maneira, não seria possível justificar verdades constituintes da natureza.

De qualquer forma, aqueles que inventaram deuses e cultos para as nações fizeram primeiro foi personificar a natureza e suas funções, e a esconder sob o véu de mistério e da alegoria. Não foi o suficiente pintá-la com a poesia, era ainda necessário falar aos sentidos das pessoas e lhes mostrar objetos materiais que fixassem a atenção e que representassem os poderes invisíveis ao que lhe foi dito para adorar²².

Sem dúvida, a fragilidade, o sofrimento cotidiano e a ignorância do pleno funcionamento da natureza e seu movimento constituem justificativas que tornam verdadeiros os argumentos da religião.

Faz-se necessário, indubitavelmente, combater e extirpar a superstição a fim de permitir a caminhada em direção ao conhecimento da natureza. A religião consiste então um impedimento para o progresso, pois sua força reside em subestimar a força humana de maneira a tornar-se imprescindível. A autoridade divina, como tal, compreende em obscurecer a razão para que a mesma permaneça condicionada as suas verdades.

O conhecimento da natureza remete ao ateísmo, pois dessa maneira o indivíduo não delega (a fim de justificar as próprias ações), a algo exterior fatos tão somente de sua autoria. Princípios do ateísmo e sistema da natureza são sinônimos, pois o conhecimento deste último remete ao primeiro, conseqüentemente. Se o ateísmo é condição para o sistema, qual seria o entrave? Como já apontado, a fragilidade humana, o sofrimento e a ignorância fomentam (desde cedo) o credo. Ademais, um elemento extremamente pernicioso para pensar a laicização da moral deveria ser superado efetivamente a partir da instrução: a superstição.

²¹ Pois, “Todo homem que respira, que teme e ignora está disposto a credulidade”. “Tout homme qui souffle, qui tremble et qui ignore, est disposée à la crédulité.” *Ibidem*, p. 14.

²² “Quoi qu’il en soit, ceux qui inventèrent des dieux et des cultes pour les nations ne firent d’abord que personnifier la Nature et ses fonctions, et la cacher sous le voile du mystère et de l’allégorie. Ce ne fut pas assez de la peindre à l’aide de la poésie, il fallut encore parler aux sens du peuple et lui montrer des objets matériels qui fixassent ses regards et qui lui représentassent les puissances invisibles qu’on lui disait d’adorer.” HOLBACH. *La Contagion Sacrée ou Histoire Naturelle de la Superstition*, p. 38.

A superstição constitui forte entrave à liberdade humana, freio que impede o pleno exercício da razão e da experiência. Mais ainda, o alimento para o preconceito e mola propulsora de toda violência decorrente de crenças que mais afastam o indivíduo de sua natureza. Daí o papel do filósofo, em alcançar o leitor ávido por superar essa condição que Holbach insiste. Há por isso um otimismo no autor, em fomentar o progresso da humanidade, eliminando a superstição e o preconceito, a partir da instrução e o conhecimento da natureza. Eis a importância que delega às obras que corroboram ao esclarecimento. Elas não poderiam, ao comprometerem-se com a verdade, serem danosas para sociedade. Assim,

Nenhuma obra pode ser perigosa, sobretudo se ele contém verdades. Não seria mesmo se contivesse princípios evidentemente contrários à experiência e ao bom senso. O que resultaria de um livro que nos dissesse hoje que o sol não é brilhante, que o parricídio é legítimo, que o roubo é permitido, que o adultério não é um crime? A menor reflexão nos faria perceber a falsidade destes princípios, e toda a raça humana se colocaria contra eles²³.

Superar a religião implica advogar em nome do indivíduo livre, diante do conhecimento da natureza e consciente das ações, alicerçado na razão que não mais empreende a sujeição religiosa para justificá-las.

Há, contudo, na riqueza da obra, dois momentos que constituem, como apontado por Blanchot²⁴, antinomias presentes no sistema. De um lado, o determinismo da natureza, em delegar atributos que não se modificam com seu pleno conhecimento, mas sustentam a liberdade do indivíduo diante das imposições exteriores a ela. Engendra um fatalismo que, tomando o homem como parte do sistema, onde a matéria é a verdade e o movimento sua condição essencial, não preveria uma alteração de lugar por parte do ser livre. E por outro lado, Holbach defende a instrução e o conhecimento da natureza a fim de combater o preconceito e a superstição. Essa superação reconhece o papel da

²³“Nul ouvrage ne peut-être dangereux, sur-tout s’il contient des vérités. Il ne seroit pas même s’il contenoit des principes évidemment contraires à l’expérience et au bon sens. Que résulteroit-il en effet d’un ouvrage qui nous dirait aujourd’hui que le soleil n’est point lumineux, que le parricide est legitime, que le vol est permis, que l’adultère n’est point un crime? La moindre réflexion nous feroit sentir le faux de ces principes, et la race humaine toute entière réclamerait contre eux.” HOLBACH. *Système de la Nature*, p. 374.

²⁴ BLANCHOT, Le Baron d’Holbach. Nesse texto, publicado em 27-28 de novembro de 1943 no *Journal des Débats*, o autor faz referência, como ponto de partida do texto, ao livro de Pierre Naville, *Paul Thiry d’Holbach et la Philosophie Scientifique au XVIIIe Siècle*. Sem diluir a antinomia da obra, para Blanchot, d’Holbach mostra um certo pessimismo no fatalismo que a obra engendra, ao passo que, acredita em uma razão vitoriosa (libertadora), a partir do conhecimento da natureza.

experiência diante de um sistema determinado, eis a veia iluminista do barão edificando a antinomia.

O que é particularmente interessante sobre Holbach, são as antinomias que o rigor do seu sistema deixa muito vivas e, ao contrário de outros autores, ele não busca reduzir. De acordo com a tradição enciclopédica, o barão, diante dessa nova aquisição que é o homem, quer dispor de toda ordem dominante de acordo com fins utilitários²⁵.

Não é possível tomar a antinomia presente na obra como um modo de desmerecer a grandeza de seus argumentos. O filósofo das luzes enxergava no fatalismo da natureza a possibilidade de uma vida justa a partir da consideração do ateu virtuoso, não obstante considerasse o movimento inerente dela, e o papel da instrução a fim de diminuir a ignorância. O ateísmo corrobora a efetiva responsabilidade do indivíduo, para longe de toda condição negativa do ateu, uma reviravolta, pois somente ele poderia ter consciência das próprias ações e agir em acordo ao que lhe seria útil. Positivo e negativo na obra, características físicas e morais, o papel do temperamento e da experiência compõem o enredo holbaquiano.

Este monismo materialista se desenvolve em Holbach num ‘fatalismo’ definido como a segurança de que tudo acontece a partir de regras inexoráveis decorrentes das propriedades da matéria e se aplicando ao mundo físico como ao mundo moral. Mas contra a representação mecanicista rigorosa que faz da matéria uma coisa inerte, ele afirma o movimento como essencial à ela, e não que ele é simplesmente inerente, e muito menos que ele é dado exteriormente por Deus²⁶.

Seu fatalismo, que considera a matéria em movimento, reconhece o fato de o homem ser afetado cotidianamente, sob condições as mais adversas, de ideias que o auxiliam a mover-se atenuando as dificuldades da vida. Dessa maneira, o homem é e se move, sob duas condições: aquilo que é de sua constituição físico-química e do que o afeta, dado que justifica a importância da experiência e o papel da instrução.

²⁵“Ce qui est particulièrement intéressant chez D’Holbach, ce sont les antinomies que la rigueur de son système rend très vives et que, contrairement à d’autres auteurs, il ne cherche pas à réduire. En accord avec la tradition encyclopédique, le baron, de cette nouvelle acquisition qu’est l’homme, veut tout de suite s’emparer pour en disposer selon des desseins utilitaires.” *Ibidem*, p. 504.

²⁶“Ce monisme matérialiste se développe chez D’Holbach en un ‘fatalisme’ défini comme l’assurance que tout se déroule selon les règles inexorables découlant des propriétés de la matière et s’appliquant au monde physique comme au monde moral. Mais contre la représentation mécaniste stricte qui fait de la matière une chose inerte, on affirme que le mouvement est essentiel à la matière, et non qu’il lui est simplement inhérent, et encore moins qu’il lui est ajouté extérieurement par Dieu.” BOURDIN. *Les Matérialistes au XVIII Siècle*, p. 21.

A preocupação em compreender efetivamente que moral e religião são distintos é fundamental, em nome da laicização crescente e pelo intento de uma razão que fosse a medida do possível livre. Contudo, se por um lado há um esforço no reconhecimento da experiência e da instrução, o entrave ainda é mesmo a constituição do próprio indivíduo, daí por vezes a dificuldade em separar moral e religião, pois:

Podemos sem dúvida sermos ateus e virtuosos, mas seria uma combinação de conceitos que não convêm senão aos filósofos; o comum dos mortais não poderia pretendê-lo. Eram extremamente necessárias uma ameaça e uma consolação, ainda que fictícias, para resultar em um comportamento que não fosse nem perigoso e nem vilão²⁷.

Dessa constituição do próprio indivíduo resulta a necessidade ou não dessa consolação, a que se refere Chaussinand-Nogaret. O fatalismo alcança os atributos morais e a dificuldade é ainda maior em pensar um indivíduo livre, quando sua felicidade reside exatamente nessa *ameaça e consolação*.

Ao analisar o estilo filosófico de Holbach, Alain Sandrier toma a obra do barão como a tribuna do ateísmo virtuoso²⁸, de maneira que o espírito de pesquisa e curiosidade intelectual fomentou o estudo da natureza em todos os detalhes.

Provavelmente nunca foi dito com tanta prolixidade a irreligião sob todas as suas formas. Isto é o que explica a sua facilidade com a caneta: o barão baseia-se em um "paradigma" irreligioso conhecido que ele declina com a facilidade de um herdeiro seguro da relevância e rigor do seu ponto de vista crítico²⁹.

A crítica holbaquiana aos argumentos da religião e a superstição, ecoam na defesa em justificar o ateísmo como necessidade para se apreender o sistema de natureza, razão para superar o preconceito e a condição menor do homem diante das verdades

²⁷ “On pouvait sans doute être athée et vertueux, mais c’était une combinaison de concepts qui ne convenait qu’aux philosophes; le commun des mortels ne pouvait y prétendre. Il fallait à tout prix une menace et une consolation, fût-elle fictive, pour le rassurer dans un comportement qui ne fût ni dangereux ni crapuleux.” CHAUSSINAND-NOGARET. *Les Lumières au Pêril du Bûcher – Helvetius et D’Holbach*, p. 230.

²⁸ “(...) tribuna à l’athéisme vertueux”. SANDRIER, A. *Le Style Philosophique du Baron D’Holbach – Conditions et contraintes du prosélytisme athée en France dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*, p. 14.

²⁹ “Jamais sans doute ne s’était dite avec tant de prolixité l’irreligion sous toutes ses formes. C’est d’ailleurs ce qui explique sa facilité de plume: le baron s’appuie sur un ‘paradigme’ irreligieux rodé qu’il declina avec l’aisance d’un héritier assuré de la pertinence et de la rigueur de son point de vue critique.” CHAUSSINAND-NOGARET. *Les Lumières au Pêril du Bûcher – Helvetius et D’Holbach*, p. 537.

estabelecidas que impedem seu conhecimento. O fatalismo da obra reconhece assim a possibilidade de uma ascensão do indivíduo a partir da instrução, da superação àquilo que julga desnecessário à vida.

2. Conclusão

A obra de Holbach se pareceu à frente de seu tempo e tendo, pela tradição filosófica um esquecimento devido ora pela própria condenação da mesma ou pela virulência de suas teses, compreende um autor importante para se alcançar uma das veias do século XVIII francês. Bayle teorizou sobre a possibilidade³⁰ do ateu virtuoso, ao passo que o barão demonstra sua efetiva necessidade, caracterizando um processo evolutivo, ainda que permeado pelo determinismo que a natureza engendra em si mesma.

A fim de corroborar seu ateísmo, estudou profundamente os caminhos e as verdades da religião e ao combater cada um de seus alicerces, conseguiu efetivamente defender o indivíduo ateu e virtuoso, dado que, como exposto, pelo processo de laicização ao qual passava a Europa, e pela descristianização que a obra suscita, seria fundamental, a fim de romper de uma vez o elo que impedia este dueto, a saber, a superstição, pautada na ignorância e no processo histórico onde as verdades da igreja eram imperativas.

Em colocar as coisas em seu devido lugar, ou antes, em separar moral e religião efetivamente, o barão considera uma moral laica para se pensar as ações humanas, destituindo-as de todo cunho religioso pelo qual a moral tenderia a se justificar. Assim, moral e religião não se fundamentam sob o mesmo aspecto, são distantes e quando juntos, perigosos para o indivíduo e a sociedade em que vive.

A atualidade de seu pensamento situa-se no intento, em pactuar com um processo de emancipação do indivíduo, libertando-o das amarras do preconceito e da superstição, atacando fortemente a base mais forte de sua condição, defendendo um ateísmo necessário, pois libertador. Se o pensamento livre é almejado, o conhecimento da natureza como fundamento primeiro é condição para se apreender o estado consciente do ateu.

³⁰ O trabalho de Lussu discute essa aproximação, discutindo o debate acerca do ateu virtuoso a partir de uma moral laica e um ateísmo intelectual. Ao demonstrar como d'Holbach ultrapassa Bayle, a obra enfatiza a tese do barão, de que somente o ateu pode ser, efetivamente, virtuoso. Cf. LUSSU. *Bayle, Holbach e il Dibattio Sull'Ateo Virtuoso*, p. 139.

Dessa maneira, “seria útil fazer um balanço da nossa tradição atea e releras obras de Holbach lhe restituindo toda a sua *violência*³¹ *libertadora*³².”

Ademais, em reconhecer o interesse como fundador das ações, o barão coloca o útil como elemento a justificar as ações humanas. A moral cristã, ao advogar pela virtude e o bem comum, inibe o egoísmo natural, escondendo o papel do interesse, fato primeiro de qualquer ocasião. O ateu pode ser virtuoso, quando a ação lhe for útil e primar pela felicidade, objetivo último da vida humana. Nessa profissão de fé do ateísmo, o barão extirpa o mal encobridor da verdadeira conduta moral: a religião, que com suas verdades constitui o efetivo perigo para a natureza e a compreensão de seu sistema.

A antinomia presente na obra corrobora a questão central que ocupou o filósofo: o homem, com suas idiossincrasias, integrante de uma natureza determinista, mas que, a despeito do movimento que engendra, da ordem e desordem presentes, almeja o esclarecimento deste no intento de uma sociedade livre do preconceito, movido pelo interesse daquilo que lhe é útil. Sua crítica antirreligiosa, corrobora necessidades efetivas para o homem de seu tempo: superar a ignorância em lugar de um sistema pautado no obscurantismo. Diante disso, sua obra corrobora o ideal iluminista. O ateísmo é efeito da instrução nesse contexto, de maneira que liberta o homem da asfixia do pensar que a religião engendra; um pensamento transformador, sem dúvidas, e favorável ao progresso da humanidade.

Esclarecedor, Holbach demonstra que o ateísmo é uma necessidade fundamental, pois resulta eliminar os impedimentos do indivíduo: a ignorância, a superstição e o fanatismo; elementos danosos para ele e a sociedade. Assim, o conhecimento é libertador, o que permite superar as verdades sob as quais a religião se constitui que se empreende em impedi-lo de conhecer o sistema ao qual faz parte, a natureza.

Bibliografia

BLANCHOT, M. Le Baron d’Holbach. *Chroniques Littéraires du Journal des Débats. Avril-1941 – Août-1944*. Paris: Gallimard, 2007.

³¹ Grifo nosso.

³² “Il serait utile de prendre la mesure de notre tradition athée et de relire les oeuvres de D’Holbach en leur restituant toute leur violence libératrice.” BOURDIN. L’Athéisme de D’Holbach a la Lumière de Hegel, n. 24, p. 226.

BOURDIN, J.-C. L'Athéisme de D'Holbach a la Lumière de Hegel. *Dix-Huitième Siècle*, n. 24, p. 213-226, 1992.

_____. (présenté). *Les Matérialistes au XVIIIe Siècle*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1996.

CHAUSSINAND-NOGARET, G. *Les Lumières au Pêril du Bûcher – Helvetius et d'Holbach*. Paris: Fayard, 2009.

CURRAN, M. *Atheism, Religion and Enlightenment in Pre-Revolutionary Europe*. New York: Royal Historical Society Publication, 2012.

DAMIRON, M. *Mémoire sur D'Holbach*. Paris: Typographie Panckoucke, 1851.

DELON, M.; MAUZI, R.; MENANT, S. *De L'Encyclopédie aux Méditations*. Paris: Flammarion, 1998.

GOULEMOT, J.-M. *Adieu les Philosophes – Que reste-t-il des Lumières?* Paris: Éditions du Seuil, 2001.

HOLBACH, P.-H. T. *Système de la Nature*. 2 Tomes. Paris: Fayard, 1990.

_____. *La Contagion Sacrée ou Histoire Naturelle de la Superstition*. Paris: Coda, 2006.

LECOMPTE, D. *Le Baron d'Holbach et Karl Marx _ de l'antichristianisme à un athéisme premier et radical*. Tome I. Lille: Éditions du Cerf, s.d.

LUSSU, M. L. *Bayle, Holbach e il Dibattio Sull'Ateo Virtuoso*. Genova: Edizioni Culturali Internazionali Genova, 1997.

NAVILLE, P. *D'Holbach et la Philosophie Scientifique au XVIIIe Siècle*. Paris: Gallimard, 1967.

SANDRIER, A. *Le Style Philosophique du Baron D'Holbach – Conditions et contraintes du prosélytisme athée en France dans la seconde moitié du XVIIIe siècle*. Paris: Éditions Champion, 2004.